

Editorial

Avanços em Medicina – um jornal científico de uma grande associação de 2.213 médicos

Advances in Medicine - a scientific journal of a large association of 2,213 physicians

Marcelo Moraes Valença^{1,2} 
Juliana Ramos Andrade¹ 

¹ Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil; ² Unimed Recife, Recife, Pernambuco, Brasil.



Marcelo Moraes Valença,
Unimed Recife, Recife, Pernambuco, Brasil.
mmvalenca@yahoo.com.br

Pernambuco sempre foi pioneiro em muitos aspectos da história da Medicina, se destacando, também, na produção e registro do conhecimento científico na área médica. Essa busca pelo conhecimento e divulgação já acontecia no século XVII, quando os naturalistas Guilherme Piso (1611-1678) e Jorge Marcgrave (1610-1644) realizaram, pela primeira vez, uma documentação científica da flora e fauna, bem como das doenças encontradas no Brasil.¹

Este artigo foi editado por:
Fernando Cruz

Piso, médico batavo, publica o primeiro livro médico em 1648, *História Natural do Brasil (Historia Naturalis Brasiliae)*, escrito em latim, com descrições das doenças encontradas em Pernambuco (como tétano, boubá, disenteria, hemeralopia e, o curioso "maculo"). Ademais, em sua obra, também foram registradas as diferentes formas que os ameríndios utilizavam a flora para tratar as suas moléstias, assim como as maneiras de tratar e as crenças trazidas por africanos escravizados.¹ Como exerceu a função de médico, aos 26 anos de idade, em nossas terras (1637-1644), durante a dominação Holandesa (1624-1654), documentou com detalhe sua experiência.

Felizmente, José Octávio de Freitas (1871-1946), fundador do curso de Medicina em Pernambuco, em 1920, escreveu, no capítulo "Jornalismo Médico", fatos sobre os primórdios da comunicação científica em Pernambuco, publicado em 1943, no seu livro "Medicina e Costumes do Recife Antigo", livro que foi republicado recentemente pela Academia Pernambucana de Medicina.² Ele enumera vários periódicos que circularam em Pernambuco até 1943, e cita os "Anais de Medicina Pernambucana" como o primeiro jornal médico. É válido destacar que esse periódico teve circulação por apenas três anos (1842-1844) e que artigos de médicos renomados, como Maciel Monteiro, Moraes Sarmiento, Simplicio Mavignier, Pedro Dornelas, Aquino Fonseca e Eustaquio Gomes foram publicados nas suas 345 páginas.² A Associação Médica de Pernambuco também confirma como primeiro jornal médico do estado os "Annaes de Medicina de Pernambuco" que, depois, seguiu como "Annaes da Sociedade de Medicina" em 1898.³

Vale relembrar, pelo valor histórico, que outra revista médica foi criada em 1874, intitulada "Anais do Instituto Médico Pernambucano", com artigos de Cosme de Sá Pereira, Ermirio Coutinho, Malaquias Gonçalves e Estevão Cavalcanti.²

Octavio de Freitas, em seu livro, ainda registra, com os respectivos anos de criação, os seguintes periódicos: Anais da Associação Médico-Farmacêutica (1892), Boletim Mensal de Estatística Municipal (1895), Anais da Sociedade de Medicina de Pernambuco (1898), Jornal de Medicina de Pernambuco (1905), Boletim de Estatística Demográfico-Sanitária (1912), Arquivos de Higiene e Medicina Tropical (1915), A Evolução Médica (1918), Medicina e Cirurgia (1921), Saúde e Assistência (1923), Arquivos de Medicina (1925), Revista Médica de Pernambuco (1930), Archivos

Recebido: 26 de fevereiro 2021
Aceito: 18 de março 2021
Publicado: 28 de março 2021

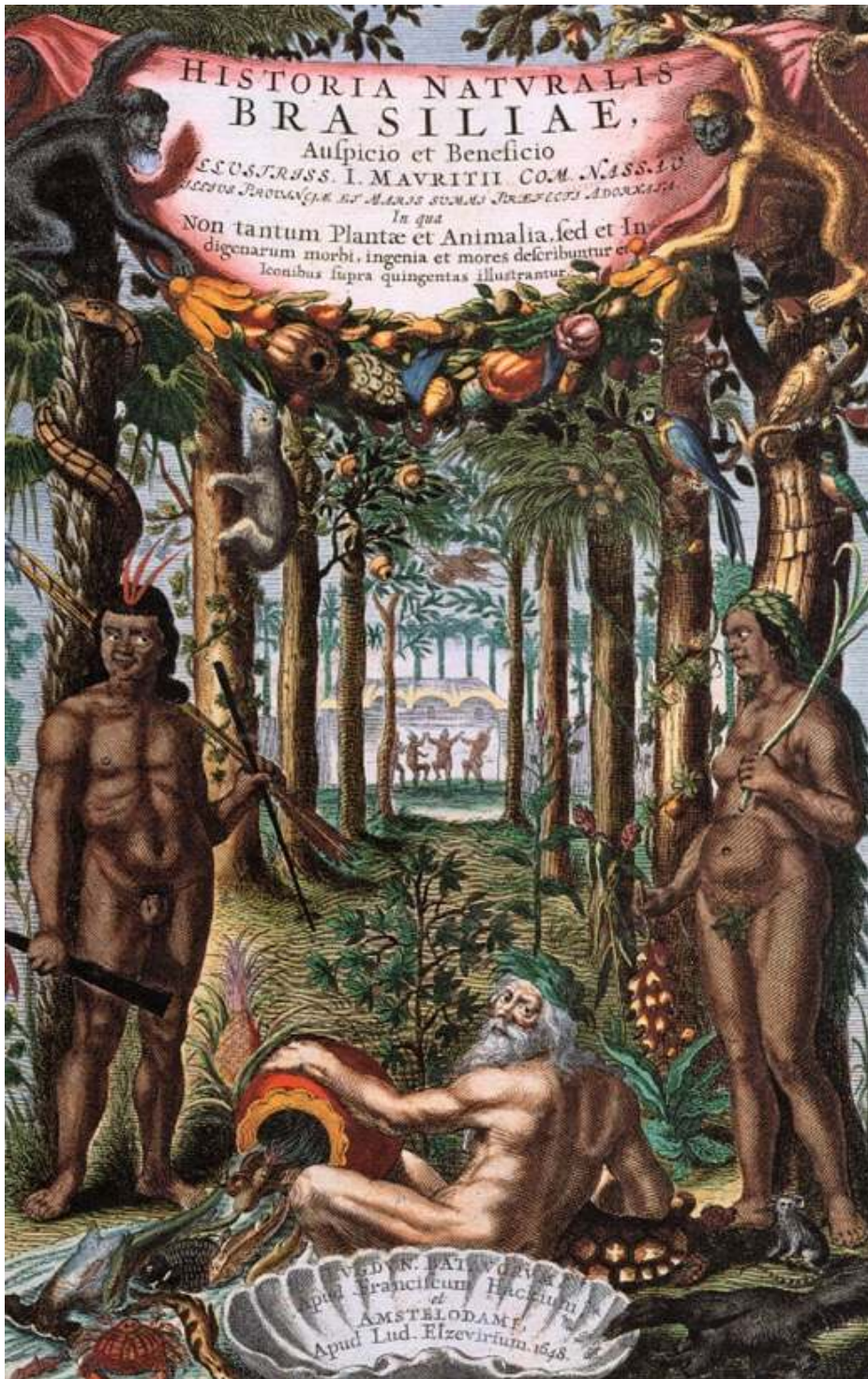


Figura 1. Primeiro livro sobre Medicina, documentando doenças e formas de tratar durante a dominação holandesa (1624-1654) em Pernambuco. Guilherme Piso e Jorge Marcgrave, *Historia Naturalis Brasiliae*, 1648. Na capa, estão ilustradas várias espécies botânicas, representando os hábitos arbóreo, arbustivo e herbáceo e os animais encontrados no Nordeste brasileiro na época, como: banana (*Musa paradisiaca* L.), caju (*Anacardium occidentale* L.), graviola (*Annona muricata* L.), abacaxi [*Ananas comosus* (L.) Merr.], tamarindo (*Tamarindus indica* L.), embaúba (*Cecropia* sp.), coqueiro (*Cocos nucifera* L.), palmeira (*Arecaceae*), macaxeira (*Manihot esculenta* Crantz), sopoti [*Manilkara zapota* (L.) P. Royen], maracujá (*Passiflora edulis* Curtis), alpinia (*Alpinia* sp.), arara (família *Psittacidae*), tartaruga (*Caretta* sp.), caranguejo (infraordem *Brachyura*), lula (classe *Cefalópode*), jacucaca (*Penelope jacucaca*), dentre outras espécies de peixes e aves. Publicado pela Elsevier, editora ainda de grande prestígio atualmente.

da Assistência a Psychopathas de Pernambuco (1931), Arquivos Brasileiros de Cirurgia e Ortopedia (1933), Arquivos de Oto-rino-laringologia (1935), Arquivos de Dermatologia (1935), Recife Médico (1937) e Neurobiologia (1938).² Apesar de não se encontrar entre os periódicos listados por Octavio de Freitas, podemos lembrar, também, o Boletim de Higiene Mental que foi criado em 1933.

Estamos enaltecendo a figura de Octavio de Freitas por ele haver contribuído com o registro histórico da medicina pernambucana em seus livros e revistas científicas. Homem visionário que tanto fez pela glória da medicina do Brasil (Figura 2).

Em 1934, foi criado o periódico Anais da Faculdade de Medicina do Recife, um jornal científico que foi, por muitas décadas, representante oficial da UFPE. Foi publicado com frequência irregular entre 1947 e 1953, deixando de circular após esse período. Em 1954, recebeu um novo nome – Anais da Faculdade de Medicina da Universidade do Recife – e, em 1966, passou a se chamar “Anais da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco” (ISSN 0365-2416). Infelizmente, há vários anos que não se observa a continuidade na publicação desse periódico.

Na área da Neuropsiquiatria, o histórico dos periódicos pernambucanos se iniciou com o repositório “Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco”, lançado em outubro de 1931 e teve Ulisses Pernambucano como diretor geral e José Lucena como secretário. Essa iniciativa abriu portas para o “Boletim de Higiene Mental”, editado pela Diretoria de Higiene Mental da Assistência a Psicopatas, lançado em dezembro de 1933, e para a “Neurobiologia”, lançada em junho de 1938, pela Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro, que foi fundada e dirigida por Ulisses Pernambucano e Alcides Benício, em parceria com René Ribeiro na função de secretário. Lamentavelmente, há alguns anos que não é publicada.

Conhecendo o histórico das revistas médicas do estado, é notório que manter uma revista científica ativa não é tarefa fácil. Quase todos os periódicos citados já não circulam mais em Pernambuco.

Para ser considerada científica, uma revista deve disponibilizar, aos seus leitores, conhecimento novo dentro da sua temática, com agilidade e rigor na avaliação, à proporção que possibilita que a permanência da informação e acessibilidade para todos, sempre.



Figura 2. Prédio da Faculdade de Medicina do Recife, inaugurado por Octávio de Freitas, em 1927 (painel superior); foto com o então governador Estácio de Albuquerque Coimbra (Vice-presidente da República de 1922-1926), o arcebispo de Recife e Olinda Dom Miguel de Lima Valverde e o diretor da Faculdade de Medicina Octavio de Freitas no dia da inauguração do prédio que hoje se chama Memorial da Medicina de Pernambuco, localizado no Derby, Recife (painel inferior esquerdo, foto Revista da Cidade, Recife, 1927); gabinete usado por Octávio de Freitas, quando foi diretor da Faculdade de Medicina do Recife (painel inferior direito). É perceptível a influência do latim na escrita do nome da “Faculdade de Medicina” no frontispício do edifício.

Nos últimos anos, o número de revistas científicas criadas no Brasil cresceu rapidamente, o surgimento de novos programas de pós-graduação *stricto sensu* foi o responsável por esse crescimento de revistas científicas. Os programas começaram a criar periódicos próprios para publicar os resultados de suas pesquisas, uma vez que o custo é bastante elevado para publicação em periódicos internacionais, além de muitos artigos nacionais não serem facilmente aceitos nas grandes revistas internacionais.

Muitas revistas brasileiras seguem os critérios e ética internacionais de publicação científica para fazer parte do seleto grupo de revistas com impacto internacional e, assim, atrair bons artigos elaborados por nossos pesquisadores em vez de perder para revistas americanas ou europeias.

Essas revistas conseguem ser indexadas em diversas bases de dados, proporcionando, aos artigos, potencial de leitura e citação internacional. A indexação de uma revista significa reconhecimento de mérito, aval à qualidade de seus artigos e, conseqüentemente, para seus autores, que normalmente estão submetidos a processos de mensuração de desempenhos de atividades, tanto acadêmicos como de serviços.

A criação de uma revista científica é uma decisão que requer responsabilidade das instituições que se comprometem a mantê-la e a consolidá-la, devendo ser um compromisso contínuo de uma equipe qualificada, íntegra e com trabalho síncrono. Toda revista científica é regida por um comitê editorial composto por pesquisadores de renome na área de sua especialidade, seguindo rigor científico desde a construção da política editorial até a escolha dos revisores.⁴ Para publicação, há normas internacionais se o periódico deseja ser indexado.⁵ *Avanços em Medicina* se esforça para seguir as sugestões elaboradas pelo *The International Committee of Medical Journal Editors* (ICMJE).⁶

Um aspecto preocupante é o crescente número de atitudes antiéticas nas publicações científicas, como fabricação ou falsificação de dados, plágio (incluindo autoplágio), inserção de autoria imprópria, entre outras atitudes fora da ética. Tarefa difícil para os editores vigiar e identificar esses tipos de má conduta.⁷⁻⁹ Muitas vezes esses erros acontecem por pura inocência dos autores, como o fácil uso do control “c” e “control v”, uma forma frequente de plágio. Durante o *6th World Conference on Research Integrity* (Conferência Mundial sobre Integridade em Pesquisa) foram criados *The Hong Kong Principles* (Os Princípios de Hong Kong) com o objetivo de impulsionar a pesquisa estimulando para que os pesquisadores sejam

explicitamente reconhecidos e recompensados por comportamentos que fortalecem a integridade da pesquisa.¹⁰

Compreendemos que para se escrever um artigo científico se requer treinamento por vários anos. Estimularemos estudantes de medicina e a participação das Ligas Acadêmicas como forma de treinamento não somente para elaborar um artigo científico, como também para avaliar como um possível revisor de periódicos em um futuro próximo.¹¹

Nós, da *Avanços em Medicina* (Unimed Recife), temos o compromisso de perpetuar a publicação ininterrupta deste jornal científico, e manter um alto padrão científico nos artigos revisados por pares e aceitos para publicação. Porém, há a necessidade de grande compromisso por parte de pessoas com treinamento acadêmico especializado, além do apoio financeiro.⁴

O custo para manter um periódico científico é elevado, pois envolve trabalho intelectual, elaboração de estratégias atrativas, para que os autores especialistas submetam seus artigos; avaliação, por especialista, desses artigos; verificação dos aspectos éticos e dos dados estatísticos; editoração; design; referências; busca de indexação; contínua modernização e acompanhamento tecnológico, entre outros critérios e métricas importantes.⁴ Tudo isso apresenta um custo elevado.

As grandes revistas científicas médicas internacionais vendem seus artigos aos leitores ou cobram altas taxas aos autores para publicação. Um único artigo científico regular custa, para ser baixado e lido no computador, entre US\$20-40. Isso gerou grande discussão, considerando o ponto de vista ético. Perguntamos: um artigo científico que visa à inovação tecnológica e ao progresso no diagnóstico e tratamento das inúmeras doenças com que a humanidade sofre, deve ser pago pela comunidade científica para ser acessado? Isso é ético?

No Brasil, a comunidade acadêmica tem acesso livre a vários desses periódicos, graças a uma assinatura entre o Ministério da Educação e grandes editoras internacionais. Há um custo muito elevado para manter o acesso gratuito a inúmeras editoras e periódicos nas mais variadas áreas da educação. Essa busca é mediada pelo Portal de Periódicos Capes, que foi criado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior (Capes, Ministério da Educação), com o propósito de ajudar Programas de Pós-graduação no Brasil, com a filosofia da “democratização do acesso

online à informação científica”. Professores e alunos de Programas de Pós-graduação de excelência no Brasil têm acesso livre e gratuito às mais de 45 mil publicações periódicas internacionais e nacionais.¹²

Grandes associações médicas dão suporte financeiro às suas revistas científicas, contudo, mesmo assim, a maioria não possui perfil *Open Access* (acesso aberto ou acesso livre).¹³ Nas últimas duas décadas, uma série de jornais científicos aderiram ao “acesso aberto”.¹⁴ Entretanto, na maioria desses periódicos, os autores têm de pagar elevadas taxas para publicação de seus artigos, a fim de custear o processo editorial e, assim, permitir que o acesso ao seu artigo seja gratuito. O custo para publicação de um artigo em uma boa revista internacional está em torno de US\$1,500-2,000, se houver figuras coloridas, o valor se eleva substancialmente, dependendo do número de figuras no artigo.

Diante desse cenário, a Unimed Recife, certificando seu perfil educacional e científico, lança no ano do seu cinquentenário, a revista científica *Avanços em Medicina* (ISSN 2676-0347). E, para alegria de todos, “acesso aberto”, i.e., sem custo para publicar e para baixar no computador, ou seja, pode ser lido livremente.

A *Avanços em Medicina* é um marco da Unimed Recife que, em sua primeira edição, leva aos leitores – além de artigos de pesquisa originais e de revisões – artigos baseados nos protocolos utilizados em diversos setores clínicos inseridos nos três hospitais da Unimed Recife, mostrando compromisso com o atendimento de seus pacientes, sempre atualizado sob critérios da Medicina Baseada em Evidências.

A revista, além das publicações de nossos médicos cooperados, recebe artigos de pesquisadores da área da Saúde, ambos passando pelo mesmo rigor avaliativo no processo editorial. Todas as publicações são em acesso aberto e seguem os padrões éticos científicos de pesquisas que envolvem seres humanos. A *Avanços em Medicina* divulga seus artigos, seguindo os preceitos da Declaração de Helsinque, que é organizada pela Associação Médica Mundial.¹⁵⁻¹⁸

A *Avanços em Medicina*, além do compromisso com os seus pares, possui o perfil “Ciência para Todos”, disponibilizando aos seus associados e ao público em geral, por meio de notícias de fácil entendimento e largamente divulgadas nas redes sociais, os resultados dos artigos publicados em cada edição. Garantimos, também, um espaço para divulgação e comentário sobre as publicações, em outros jornais

científicos, de artigos dos nossos 2.213 cooperados (informação recebida sobre o número de cooperados no dia 8 de fevereiro de 2021). De forma semelhante, temos também uma seção que mostra, de maneira breve, achados recentes da literatura médica, particularmente, interessantes na prática do médico, divulgando aspectos inovadores para incrementar novas formas de tratar nossos pacientes.

A *Avanços em Medicina* chega ao cenário científico com o intuito e responsabilidade na produção e divulgação do conhecimento com artigos originais, revisões, protocolos, fluxogramas, comentários, editoriais e artigos de opinião escritos em português ou em inglês. Trabalharemos continuamente na busca do reconhecimento internacional da nossa revista em sincronia com o objetivo de levar, aos nossos leitores-pesquisadores, dados robustos acessíveis a todos.

Conforme alguns periódicos internacionais consagrados, eventualmente, usaremos espaços vazios, no final de alguns artigos, para ilustrar, por meio de fotos interessantes relacionadas com a medicina, ou de importância histórica, além de oportunizar, nesses espaços, as citações que devem ser lembradas.

Marcelo M. Valença

<https://orcid.org/0000-0003-0678-3782>

Juliana R. Andrade

<https://orcid.org/0000-0002-5445-8872>

Referências

1. Medeiros MF, Albuquerque UP. Food flora in 17th century Northeast region of Brazil in *Historia Naturalis Brasiliae*. *J Ethnobiol Ethnomed*. 2014;10:50.
2. Freitas OM. *Medicina e Costumes do Recife antigo*. Segunda edição. ed. Luci Artes Gráficas. 2018.
3. Trzesniak P. A estrutura editorial de um periódico científico. In: Sabadini AAZP, Sampaio MIC, Koller SH, eds. *Publicar em psicologia: um enfoque para a revista científica*. São Paulo: Associação Brasileira de Editores Científicos de Psicologia; Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo 2009, pp. 87-102.
4. Aziz A. How to get published in a standard peer-reviewed medical journal: Some useful tips for novice authors. *Pak J Med Sci*. 2020;36:1408-1411.
5. ICMJE. The International Committee of Medical Journal Editors. In: Patel J. *New COPE guidelines on publication process manipulation: why they matter*. *Res Integr Peer Rev*. 2018;3:13.
6. COPE: Committee on Publication Ethics. Guidelines on good publication practice. *Br J Surg*. 2000;87:135.
7. Doherty M, Van De Putte LB. Committee on Publication Ethics (COPE) guidelines on good publication practice. *Ann Rheum Dis*. 2000;59:403-404.
8. Moher D, Bouter L, Kleinert S, et al. The Hong Kong Principles for assessing researchers: Fostering research integrity. *PLoS Biol*. 2020;18:e3000737.

9. Cabresa-Samith I, Oróstegui-Pinilla D, Ángulo-Bazán Y, Mayta-Tristán P, Rodríguez - medicina en Latinoamérica. Revista médica de Chile. 2010;138:1451-1455.
10. Capes P. Portal de Periódicos CAPES. In; 2021. João de Deus Barreto S, Uillis de Assis S, Katia Nunes S, Ana Paula de Oliveira V. Relações entre Acesso Aberto, Qualis Capes e desempenho de citação (Índices h, e, AW e hI Anual) em periódicos científicos brasileiros de Ciência da Informação – estudo documental exploratório. Informação & Sociedade: Estudos. 2020;30.
11. MacAuley D. The medical journal as an open access multimedia platform for medical communication. Croat Med J. 2020;61:483-484.
12. Preckel B, Staender S, Arnal D, et al. Ten years of the Helsinki Declaration on patient safety in anaesthesiology: An expert opinion on peri-operative safety aspects. Eur J Anaesthesiol. 2020;37:521-610.
13. Shrestha B, Dunn L. The Declaration of Helsinki on Medical Research involving Human Subjects: A Review of Seventh Revision. J Nepal Health Res Counc. 2020;17:548-552.
14. Ballantyne A, Eriksson S. Research ethics revised: The new CIOMS guidelines and the World Medical Association Declaration of Helsinki in context. Bioethics. 2019;33:310-311.
15. Ehni HJ, Wiesing U. Illegitimate authorship and flawed procedures: Fundamental, formal criticisms of the Declaration of Helsinki. Bioethics. 2019;33:319-325.

The best way to predict the future is to create it
(A melhor maneira de prever o futuro é criá-lo.)
Abraham Lincoln